

A PELE QUE HABITO

ELENICE MARIA ZECCHIN PEREIRA GIANNONI

Membro Associado da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo
Membro Associado do Grupo de Estudos Psicanalítico de Campinas

Resumo

Quando sintomas físicos ou comportamentos masoquistas, que infringem sofrimento ao corpo, tomam a “cena” do teatro privado (do paciente) a vida se torna limitada à repetição compulsiva da vivência traumática. Então, para se defender da angústia, às vezes monta-se um teatro com fantasias (roupagens), invenções literárias, cenas, enfim toda uma atividade malabarística destinada à negação e/ou ocultação do sofrimento narcísico. Percebe-se que toda a preocupação e movimentação gira em torno do corpo, que à primeira vista, pode parecer muita vida, mas que, tem o objetivo (inconsciente) de disfarçar a morte.

A autora relata fragmentos de um processo analítico, realizado com um paciente submetido a esse quadro clínico, utilizando procedimentos que visam auxiliá-lo na constituição da sua identidade. Para isso, faz uso de material clínico pertinente, embasado por conceitos fundamentais da teoria psicanalítica atual.

Palavras chaves: Ambivalência, Bissexualidade, Teoria da Dimensionalidade, Identificação Adesiva, Identificação Introjetiva, Narcisismo.

Membro Associado da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo
Membro Associado do Grupo de Estudos Psicanalítico de Campinas

Campinas, 2017

“A Pele que habito”

Em 1877 o jornal “Mensageiro Russo” publicou um romance de Tolstoy que começava assim: Todas as famílias felizes são parecidas entre si. As infelizes, são infelizes cada uma à sua maneira! Iniciava assim, o seu clássico “Ana Karenina”.

Essa forma de começar a contar uma estória, tangeu um acorde interno, que continuou a ressoar durante algum tempo em minha memória. Parecia-me que havia ai uma verdade (universal) que, no caso do romance, movimentava toda uma estrutura familiar, mas que, poderia servir de modelo para a compreensão de estruturas particulares, dentro e fora da patologia.

Assim foi que, inspirada nesse preâmbulo de Tolstoy, comecei a alinhar um conjunto de hipóteses que fundamentadas pela teoria psicanalítica, me permitissem situar este meu paciente, que vou apresentar-lhes com o nome de Rodrigo. Ele também pertencia a uma “família infeliz”, cuja sombra gigantesca, obscurecia o verdor de seus 21 anos de idade. E isso reproduzia nele a imagem de alguém particularmente infeliz.

A primeira vez que o vi cabisbaixo, enterrado no sofá da minha ante sala, parecia pequeno e desoladamente só! Mas quando se levantou, desdobrando a alta e magra estrutura, seus olhos chegaram primeiro. Eram dois grandes olhos azuis, que não pareciam sequer cogitar a possibilidade de não serem notados. Meses depois, apareceria a queixa de que as pessoas não o enxergavam inteiramente. Apenas mencionavam os seus olhos, como se eles pudessem resol-“ver” todos os seus problemas. (Compreendi então, que ele aprisionava com o olhar e se tornava prisioneiro dele mesmo).

Nesse primeiro encontro, senta-se à minha frente, ora olhando-me fixamente, ora baixando o olhar. Conta-me que é aluno brilhante do quarto ano de arquitetura numa Universidade conceituada, onde também faz “iniciação científica” Trabalha meio período, como designer num escritório de arquitetura. Estuda alemão e japonês e dedica o resto do tempo à pratica malabarista do “tecido”¹.

Queixa-se de insônia, agitação, inapetência e da “falta de vontade de falar” com as pessoas, principalmente com os familiares. Diz que foi sua mãe que o enviou para que eu o ajudasse. (Fico depois sabendo que essa era, na verdade, sua madrasta, que ele adotou por mãe). A mãe biológica chamava-se Mara (amarga ?) a quem ele se referia escarnecendo. Fala de um pai ausente : ***Aquele f.p. me deixou com aquela louca, e nunca me deu nada!***

(Observo-o nesse primeiro encontro e vejo seu esqueleto, através da pele branca e fina. Parecia que estava costurada sobre os ossos, transparecendo uma fragilidade tocante).

Aceita as quatro sessões propostas, aparentando “certo triunfo na fala”: **“meu pai não tem outro jeito... vai ter que pagar.”** Aos poucos vou tomando conhecimento do “amor x ódio” direcionado ao pai e da sua experiência de “não existência” (de não ter sido visto, pela mãe).

Surpreendo-me, no decorrer das sessões, com a família que me mostra, como se fossem marionetes num espetáculo de circo. Fora algumas raras exceções, todos os elementos são estragados: prostitutas, viciados, débeis mentais, “santos pastores”, adúlteros ,etc... Isso tudo, numa jogada rápida, na qual vai falando seus nomes, caracterizando-os e situando-os no tempo e no espaço.

¹ Tipo de ginástica que é caracterizada por “enrolar-se e desenrolar-se” de um longo tecido, permitindo uma serie de evoluções e “pseudo quedas”, que, por não serem protegidas por rede de segurança, causam um certo “frisson” na platéia.

(Eu me via tentando agrupar os pares, se eram paternos ou maternos; só depois me dei conta de que ele havia adotado, não só a nova mulher de seu pai, mas toda a família dela. De forma que agora tinha seis avós, três bisavós, e uma infinidade de tios e tias, todos bizarros, segundo ele).

“Aquela” que não é minha mãe, precisou casar com 19 anos, porque estava grávida (dele). Era filha de pastor e foi posta para fora de casa.

Morou com ela até 8 anos de idade. Passou esse tempo todo, cuidando da irmãzinha mais nova, protegendo-a dos variados assédios sexuais provenientes de “empregados e amigos” da Mãe (ra) que frequentavam a sua casa e que se alternavam para “cuidar” das crianças enquanto ela se ausentava, por dias inteiros !

(Quanto mais ouvia, mais pensava que Tolstoy tinha razão: Esta família era “**perversa**” a sua maneira).

Conta que desde pequeno se virou sozinho, cozinhando “miojo” para si e para a irmã . Eram muito unidos, colecionando situações de perigo onde eles, às vezes, se safavam a la “Bonnie and Clyde” , e na maioria das vezes se danavam como simples mortais. Sua mãe os deixava pelados, trancados fora de casa para castigá-los quando se irritava com eles. **A gente ficava com muito frio!... As pessoas passavam... olhavam e alguns paravam e perguntavam. A gente morria de vergonha!**

A sensação física de frio sentida pelo Eu corporal e associada à frieza, no sentido moral (oposta ao Eu psíquico às solicitações de contato que emanam do outro) visa constituir ou reconstituir um envelope protetor hermético, mais fechado sobre ele próprio, mais narcisicamente protetor; uma pára-excitação que mantém o outro à distância. (Anzieu, D. 1989. p.225.)

Emociona-se ao me contar que não se perdoa, ainda hoje, do dia que não conseguiu proteger a irmã de “um tio” que tomava conta deles. (Hoje tem sonhos eróticos com a irmã). Fala com amargura das “chantagens da mãe” (Mãe) que o seduzia com presentinhos e depois desaparecia, deixando-o plantado no sofá da sala, esperando sua volta. Numa dessas ocasiões, comeu as lâmpadas pisca-pisca, da árvore de natal.

Anzieu nos diz que, quando os estados de não-integração persistem, a criança procura freneticamente um objeto (luz, voz, odor, etc.) que mantenha uma ação unificadora sobre as partes de seu corpo e lhe permita, ao menos momentaneamente, vivenciar a unidade do Self.

Assim foi que, aos 9 anos, resolveu abandonar a mãe e já que agora o pai estava casado com a Telma, mudou-se com a irmã para a casa deles. (Levei um bom tempo para saber que sua mãe biológica estava viva, e que tivera mais 2 filhos. A sua fala, me trazia uma mãe morta (assassinada) de quem ele se recusava ser filho): **Quando digo “minha mãe”, estou falando da T. ...viu E?**(Zanga-se quando falo sobre a sua mãe, referindo-me a mãe biológica).

“O Teatro dos Horrores”

O poeta é um fingidor. Finge tão completamente
Que chega a fingir que é dor. A dor que deveras sente
“Autopsicografia” de Fernando Pessoa

Rodrigo me traz uma série de desenhos. São rostos de pessoas que apontam sempre para uma divisão: feio - bonito, escuro - claro, forte – fraco, masculino – feminino, manifestada nos cabelos, traços e adornos. Os olhos são sempre os mesmos; às vezes, um azul e outro escuro. Em outros, que não eram rostos, o mesmo antagonismo: de um lado pesado, escuro, os dragões soltando labaredas pelas ventas. Do outro, borboletas coloridas, em espaços azulados. Seus desenhos são arquitetados em papelões de embalagens, material radiográfico e madeiras. Escreve e me lê o que “sonha acordado”; suas fantasias. Me traz também sonhos abundantes, detalhando a série de “mortos-vivos” sem paz, que atormentam as suas noites. Me fala da sua vida “estóica”, caracterizada por dormir pouco, gastar pouco e se alimentar com parcimônia de alimentos que ele mesmo compra e cozinha.

Se orgulha de ser capaz de suportar dores e privações físicas e do seu chamado “protesto contra o frio”: ***dizem que eu tenho o cromossoma B (de biscate).... pode estar o frio que estiver, que as putas – peladas estão sempre de shortinho.***

Seguindo o pensamento de Anzieu, a passagem do corpo em sofrimento ao corpo de sofrimento (com perda de identidade) se caracteriza, não somente, pela submissão às leis do desejo e do prazer, mais também à arbitrariedade do poder de um outro sobre si mesmo. Esse corpo de sofrimento carrega duas potencialidades: uma potencialidade persecutória e uma aptidão excessiva para a atuação, para representação e para a encarnação do sofrimento.

As casas que habitam, de modo especial, os seus sonhos, tem porões escuros, banheiros azulejados (amarelos...azuis...rosa), escadarias íngremes, bem como espaços externos desvitalizados (lagos escuros de água parada). Servem de incentivo para as associações com as inúmeras casas, pelas quais já “passou e penou” . Conta que sua paixão pela arquitetura remonta à infância, na qual ele tinha uma caixa enorme de “legos” com os quais construía e “destruía” experimentalmente!.

Nessas primeiras sessões, me traz uma enxurrada de coisas que, sucedendo-se umas às outras, se encadeavam numa tentativa defensiva (penso eu) de me hipnotizar. Assim é que, seus desenhos, suas crônicas, seus sonhos, vão desfilando diante de mim, colocando-me numa posição de espectadora “maravilhada” diante de uma espetáculo circense, ágil e bem articulado! Me diz que está sempre maquiado (mascarado) em suas apresentações “de tecido”, de forma a não poder ser identificado, a não ser pela sua estrutura magra e alta e pelo “colant” ajustado sobre seus ossos. Diz que essa roupa, pode parecer feminina para os “porcos machistas” preconceituosos, como seu pai. “A segunda pele muscular é anormalmente super desenvolvida quando ela vem compensar uma grave insuficiência do Eu-pele e preencher as falhas [...] O papel dos esportes e das roupas têm muitas vezes esse sentido.” (Anzieu, D. 1989. p.227)

Olho o espetáculo e começo a ver então, através da sua fantasia : vejo um menino assustado com a própria fragilidade (a flor da pele), tentando ser forte como um dragão; vencendo a dor física, a fome e aquecendo-se do frio, fabricando o fogo que solta pelas narinas. Assustado também com a sua porção feminina estragada, tentando ser homem machista (como o pai) desprezando as P.P (putas peladas) assim como despreza sua mãe e qualquer mulher que se apresente.

Seus desenhos se tornaram cada vez mais bizarros, onde a divisão entre o masculino e o feminino se acentuava cada vez mais. Eu podia apontar , desde o início, qualquer dos seus antagonismos, mas sentia que me abandonaria, se mencionasse a divisão referente `a sua sexualidade. Aliás, foi me fazendo sentido , a idéia de que, na verdade, esses processos identificatórios defeituosos, eram anteriores à questão de sua identificação com o masculino ou com o feminino. Remontavam, talvez , a períodos arcaicos, onde ainda não havia distinção entre ele e o objeto.

“Talvez então, uma identificação por imitação, ou por ‘colagem’ onde a superfícies se colam, e que por não se diferenciarem, não abrem espaço para o interno.” (Meltzer – 1974 – “*Identificação Adesiva*”).

A sensação de que sua pele era costurada sobre os seus ossos, e que o “colant” servia de contenção para seu esqueleto descarnado, me remeteu aquilo que Esther Bick escreveu em A Função da Pele nas Primeiras Relações de Objeto:

“Em alguns pacientes adultos, observei que pareciam sustentar-se muscularmente; faziam exercícios, levantavam pesos e faziam atletismo, e que sua atitude para com a vida era muscular; não pensavam nos problemas; primeiro faziam e viam o que acontecia! Se não funcionava , o faziam de outra forma, mas sempre moviam os músculos!”. (BICK, E. 1968)

A postura de Rodrigo, sentado no divã, me olhando fixamente (expressivamente) quando me mostrava os seus desenhos ou, quando me lia as suas crônicas, me dava a sensação de que ele queria se enxergar nos meus olhos, procurando em mim uma atitude de aprovação da sua obra, ou seja, confirmação da sua existência.

Em seu artigo, Identificação Adesiva (1974) Meltzer descreve as investigações de Esther Bick e suas próprias descobertas, dizendo: “Se produzia certo tipo de processo de identificação, que estava muito estreitamente ligado `a mímica e também do tipo superficialidade e externalização de valores ... pessoas com inclinações artísticas que pareciam talentosas, mas que não tinham internamente nenhuma base para estabelecer seus próprios valores das coisas ...descobrimos fragmentos de superficialidade presente em todos, nos quais a emoção estava muito atenuada ... uma inconsistência ...uma espécie de **filtragem** da resposta emocional”.

“Sonhando acordado”

Sonhar é negar na verdade que se seja mortal. Sem esta crença noturna na imortalidade, de pelo menos uma parte do Self, seria a vida diurna tolerável? (Anzieu, D. 1989. p.249)

Assim, cada vez mais, Rodrigo atuava uma movimentação frenética, movida pelo medo de uma paralização total. Conciliar o sono, representante dessa paralização (morte) foi se tornando uma tarefa árdua : **Rolo na cama ... acordo no chão!** Certo dia, após mais uma noite “mal dormida”: **Sonhei com um banheiro mofado, com musgos nas paredes...os azulejos eram amarelos ...**(silêncio). Associa, devido à cor dos azulejos, com um banheiro na casa da infância, onde foi penetrado por um homem (silêncio) Falo algo, no sentido de facilitar a sua fala, mas ele se tranca: **não quero falar disso** (franze a testa, numa atitude de contrariedade).

Digo-lhe que tem coisas antigas e mofadas que o estão incomodando, ao que ele retruca dizendo: **o silêncio aqui está mais suportável agora; porquê?** Digo-lhe que ele havia descoberto que podia trancar a porta, que eu não ia arrombar...que podia ficar quietinho junto de mim.

Aí, ele fecha os olhos e começa a falar sobre o que chama de “sonho acordado” . **É uma casa grande, de muitos andares... todas as portas estão fechadas. Tem uma escadaria (silêncio).**

E: onde está você ?

R: **Lá em baixo...criando coragem para iniciar a subida..... não tem guarda-corpo!**

E: Está com medo de cair no nada!

R: **No nada não!...tem o chão!...**

E.: Medo de se esborrachar no chão. (Ele concorda com a cabeça). Digo-lhe que ele, ainda não pode acreditar que eu seja um guarda corpo confiável ...que não o deixe se esborrachar sozinho.

R: fica em silêncio. **Esta semana fiz uma queda de quatro saltos no tecido. Queira fazer cinco, para ir mais rápido...mas ia me arriscar.** (Explica como tem que fazer: contrair o abdômen e abrir o peito para conseguir quedar mais rápido. Explica também algumas técnicas da sua arte e de como funciona o “torneiro”²). **Eu já fiz o “torneiro”, algumas vezes. Tem que ter força para agüentar o outro ...** (silêncio).

E: você quer ir num ritmo aqui, que lhe dê segurança e me pergunta se eu sou um “torneiro” eficiente que possa lhe sustentar! Ele alisa a testa com a mão e fica em silêncio. A seguir aparecem, como que em flashes outros elementos que já apareceram em seus desenhos. A lagarta...a borboleta...

R: **também desenho muitas carpas...é um peixe muito representado artisticamente ...é “que nem” o salmão!. No Japão, a carpa é um peixe que nada contra a correnteza...acho que para desovar!...quando volta, vem como um dragão.** (silêncio)

E: de um lado tem a carpa ...a borboleta frágil...e do outro o dragão que solta fogo pelas narinas!.

² Torneiro: o par que segura e dá apoio para o malabarista.

R.: **O Dragão oriental voa “sem asas”...**

E: Já vi asas no dragão ...

R.: **O dragão ocidental é que tem asas!...**

E: Nós, ocidentais é que colocamos asas no dragão e estragamos tudo?...parece que o “legal” é voar sem asas!...

Parece não meu ouvir!... **A única coisa que meu pai fez por mim, foi me ensinar a nadar! Morávamos à beira mar...mas eu não gosto do mar...não gosto da água salgada!...quando seca a gente sai “sujo”...”grudento!...”** .(Faço alguma alusão ao bebê que sai sujo (grudento) quando nasce) Ele fica em silêncio.

E.: Onde você foi?

R.: **Voltei para a escada. Descobri que ela é em “U”. Dentro tem guarda-corpo...fora não!... ... fica mais fácil de não cair!...**

E.: Se for devagar, sem correr e abrir a curva, né?...

Ele fica longo tempo de olhos e boca fechados.

E.: Acho que quando falamos do seu “nascimento grudento” você se sentiu em perigo, por isso voltou e se segurou no seu corrimão.

Penso que R. está lidando, através dessas associações, com a questão do “espaço” interno e externo, onde se pode entrar e sair, ouvir ou não ouvir, penetrar e ser penetrado, ainda que se pague um preço por isso. Ele deseja o vínculo comigo (como desejou com a mãe) mas teme que a morte seja esse preço: Ficar enclausurado em um quarto visceral, preso por uma viscosidade assassina.

O envelope cutâneo externo do corpo está realmente ‘perfurado’ pelos órgãos dos sentidos, pelo ânus e pelo orifício uretral [...] o que equivale a dizer que a criança é penetrada pelas imagens visuais, pelos sons, pelos odores tornando-se o continente e o lugar de passagem como acontece com as fezes, com a urina, com o leite o com seu próprio choro. O envelope interno pode assim ser atacado e perfurado pelas percepções-objetos. Algumas situações de angustia transformam esse fenômeno fantasmático em uma perseguição permanente, que violenta e agita o interior corporal do bebê, e contra o que torna-se necessário fechar de qualquer maneira todos os orifícios controláveis. (Anzieu, D. 1989. p.148.)

A Teoria da Dimensionalidade

Desde o início dos nossos encontros, a teoria da “Dimensionalidade como um Parâmetro do Funcionamento Mental” proposto por Meltzer, surgia como uma luz que poderia iluminar o caos escuro.

Diz ele: “O organismo com vida mental, vive num espaço vital (mundo) **tetradimensional**. O espaço vital compreende vários compartimentos da geografia da fantasia e se move na dimensão temporal. Essa geografia tem quatro compartimentos: 1° Dentro do Self; 2° Fora do Self; 3° Dentro do objeto interno; 4° Dentro do objeto externo e ainda um 5° compartimento que é igual a **não-lugar**, (sistema delirante, fora da atração gravitacional dos objetos bons).

Por outro lado, pode-se pensar que a dimensão do tempo tem um desenvolvimento que vai da circularidade à oscilação e finalmente ao tempo linear (tempo de vida) para o indivíduo, desde a concepção até a morte”.

As hipóteses sobre a evolução das identificações para as quais Meltzer muito contribuiu, enriqueceram a visão do processo do desenvolvimento humano. Esquemáticamente então, antes da tetradimensionalidade, proposta acima, poderíamos dizer que a **unidimensionalidade** teria a ver com os fenômenos descritos por Bick, onde Self e objeto, espaço e tempo estariam confundidos. Haveria fragmentos de experiência e domínio do estado a – mental.

“Nesse estágio as experiências ficam indisponíveis para a memória e o pensamento; a satisfação possível é a **fusão** com o objeto, encerrada em um tempo de clausura. (*Barros França, M. T. – 2009*).

Na **bidimensionalidade**, o contato com o objeto seria como o de estar aderido a uma superfície plana, rasa. Não são tolerados os espaços entre o self e o objeto; gratificação é estar **grudado** no objeto. O tipo de identificação é a Identificação Adesiva. O Self estaria identificado com o objeto sem profundidade; sem nenhuma possibilidade de projeção (nem de introjeção) uma vez que não haveria experiência de um espaço mental no interior do qual, têm lugar as fantasias, o que resulta numa concretude acentuada, com os objetos confundidos com suas qualidades sensoriais.

A **tridimensionalidade**, estaria relacionada aquilo que Melanie Klein chama de posição esquizo-paranóide. Aqui se daria a passagem do inanimado para o mundo animado; do não humano para o humano. “Agora que o objeto já mostrou resistência à penetração, delineia-se um espaço interno e surge a noção de orifícios naturais, com a possibilidade de passagem de conteúdos através deles, que pode ser controlado por um esfíncter. Os processos de projeção e introjeção estão em franca atividade e o tipo de identificação é a projetiva. A satisfação está relacionada a **controlar** o objeto. Quanto ao tempo, sua vivência não é ainda a da linearidade; é um tempo oscilatório, que permite entretanto, um entrar e sair (experimentando os diversos compartimentos do self e do objeto); um ir e vir; uma reversibilidade (*Barros França, M. T. – 2009*).”

“Heterônimos - Engendramento de corpos estranhos”

Segue o teu destino,
Rega as tuas plantas,
Ama as tuas rosas.
O resto é a sombra
De árvores alheias.

(Fernando Pessoa – Odes de Ricardo Reis)

O mundo circense montado por R. para se defender da angústia, começa a desabar após, seu terceiro ano de análise. As suas sessões já não tem mais a mesma habilidade malabárica que apresentava no início do tratamento e às parcimoniosas refeições, agora podia se permitir acrescentar algo mais. Certo dia me surpreende dizendo: **Quando vinha vindo para cá, não resisti...caí na tentação, entrei na Casa da Sobremesa e comi um brigadeiro!**

(O medo de engordar ia desaparecendo e ele ia “tomando corpo” – criando gordura no “espaço” entre a pele e os ossos)

A negação do corpo mortal e das suas necessidades fisiológicas, que por ex. o impeliam a passar o dia todo sem urinar para não perder tempo, começou a declinar. Nesse mesmo dia, pulou do divã dizendo: **Elenice, preciso mijar!**... Digo-lhe que agora ele pode “ouvir” o seu corpo ... colocar coisas para dentro (brigadeiro) e coisas para fora.

Os indícios de uma promiscuidade sexual exercida com ambos os sexos, regadas algumas vezes por drogas, agora permeiam as nossas sessões, aparecendo como “flashes desconectados” e esvaziados de importância. Percebo que novos “personagens” são acrescentados na ânsia de ser alguém. Menciona rapidamente que nas relações com os homens, nunca se deixa penetrar. Gosta de beijar as mulheres. Se agride (socos no peito) ao contar que perde a ereção quando transa com elas.

Sylvie Le Poulicht em seu artigo “Sublimação e Narcisismo”, aborda a criação de Fernando Pessoa, cujos textos (segundo ela), propõem enigmas, recorrendo a processos de engendramento de corpos estranhos. “Ao tratar o nada, transformando-se em outros, mediante a produção de heterônimos, Pessoa se aparta do medo da própria loucura.”

“A magia do encontro”

Percebo que a urgência em resol-“ver” a sua “existência”, aumenta nesse final de ano. Me diz que temos mais um ano para trabalhar em análise, pois o intercâmbio por ele solicitado, lhe foi concedido, de forma que partirá para a Irlanda em meados do próximo ano.

Nesse mesmo dia, me mostra seus novos desenhos. Eles continuam sendo rostos, com algumas diferenças. Noto a presença de um bigode e cabelos curtos, em substituição aos longos. Olho para ele e surpreendo-me com a emergência de um bigode ainda ralo, mas que começa a se delinear no seu rosto!. Trato seu desenho como um sonho e procuro pelas suas associações. O máximo que consigo é: ***Estou mais velho nesse desenho!***

Em seguida me conta um sonho: ***Tinha uma casa grande com um piano de cauda... e um menino tocando “Pour Elise”...tinha outro menino sentado fora da casa! Depois tinha um lago escuro ...eu remava com um caiaque...olhava minha família que estava distante, à beira do lago. O lago contornava uma ilha ...tinha que escolher para que lado ia!***

Digo-lhe que sente que tem que optar por um lado... ... ir ou ficar ... escolher implica em ficar com algumas coisas em detrimento de outras (Faço alguma alusão a escolher ter um bigode). Ele fica bravo e em silêncio. Diz que o sonho tem muitos elementos. ... que sua cabeça está doendo, alisando a testa.

Percebo a ansiedade crescente e o costumeiro isolamento que se segue nessas ocasiões. Rodrigo diz que vai meditar um pouco. Espero algum tempo e pergunto o que ele viu. R.: ***O fundo do lago***

E: o que tem no fundo?

R: ***nada...tem um “tampão e um ruído “... igual desenho animado, sabe? Que faz um redemoinho...acho que vou ser tragado pelo redemoinho...passar pelo buraco é igual a morrer! Não se sabe o que tem do outro lado... ou se tem outro lado!...***

E: então o medo é esse...de não saber ... de perder o controle ...

R: ***acho que é ...eu sempre sonhava com o tsunami...uma grande onda vindo em minha direção! Tinha medo do poder da água...daquilo que se move...medo de não ter chão.***

(Penso, mas não falo da angústia despertada pela aproximação que tem vivenciado com pessoas de ambos os sexos ...angústia de penetrar e ser penetrado).Ele segura a testa para não franzir e diz: ***A água está relacionada ao parto!***

E.: A primeira lagoa na qual você esteve mergulhado dentro da sua mãe.

R: ***Tinha medo que a tampa se abrisse e eu fosse sugado para fora... meu pai agredia a minha mãe quando ela estava grávida de mim.***

Digo-lhe que ele sentiu que já apanhara antes de nascer. Ele chora. O vinco de sua testa se desfaz e ele parece dormir de olhos fechados. Diz ***“vejo a velha que balança ...”*** (Associa com a cadeira de balanço de sua avó, que o avô mandou cortar as pernas, depois que ela morreu).

Surpreendo-me com a sua percepção pois eu me encontro nesse momento, balançando na minha cadeira, que me permite silenciosamente esse movimento! Terminamos essa sessão, que me pareceu mágica e senti a necessidade de escrever algo sobre ela:

*“Sou a velha que balança,
Sou a balança velha...
Que pesa o tempo perdido,
Pra saber quanto ele pesa!*

*Sou a mãe esburacada,
Que não ampara mas seduz!
Sou o fio da navalha...
Sou a mãe que dá a luz!*

*Ele é menino ou menina?
Ele tem olhos azuis!
Pequena libélula circense...
Grande dragão potente!
“A um tudo-nada” se reduz!*

*E nós dois juntos, o que somos?]
Somos o inconsciente que sonha...
Balançando da cadeira,
Pro divã, sem cerimônia*

*Amor vai!...ódio vem!...
Faz confidências e se envergonha!
E nesse “vai e vem”...somos nós...
No balanço da cadeira*

Após terminar, percebo que também a minha expressão que andava contraída, toda a vez que ele vinha, se alisou num sorriso de esperança! Agora, para mim não era mais só ele, pele e ossos, esvaziado, mas éramos nós dois, nos recompondo.

“Identificações Introjetivas”

“A renúncia é a sua condição necessária, o tempo é seu amigo e a esperança sua marca de lei” (Meltzer – 1974).

O ano já vai a meio passo. Vejo o progresso de Ricardo na caminhada proposta por Meltzer, que mesclada por indícios de uma unidimensionalidade, no início do tratamento, vai se desenvolvendo, gradativamente para a tetradimensionalidade.

Meltzer nos diz: “Somente quando há empenho na luta contra o narcisismo e contra a onipotência, é que acontece o controle sobre os objetos bons (no mundo interno e externo) que conduz à formação de um mundo tetradimensional. Esta nova forma esperançosa, inspira o processo de um novo tipo de Identificação, que Freud descobriu e descreveu em o Ego e o Id – a Identificação Introjetiva, que é muito diferente das Identificações Narcísicas”. (Meltzer, *Identificação Adhesiva*, 1974).

No decorrer desse ano Rodrigo parece se empenhar em um trabalho de resgate da figura paterna, mostrando preocupação em relação à saúde do pai, já que ele iria passar por uma cirurgia delicada. (O pai começa a aparecer em seus sonhos como companheiro e protetor). Me mostra as únicas duas fotos que tem da sua infância. Em uma delas, ele está “pelado” no colo do pai, também nu. Na outra ele coloca um “shortinho” na sua nudez. Como não percebo o artifício, ele aponta a “destreza da sua arte”, que ficou confundida com a imagem fotográfica.

Paralelamente, se apaixona por uma colega sua, companheira de longos trabalhos arquitetônicos, que atravessam suas noites insones!

Às vezes cansados, adormecem aconchegados na mesma cama, para descansar um pouco e retomar a tarefa mais tarde. Ela não pode saber da sua paixão, pois tem um namorado antigo. Diz: **Com esta eu namoraria!...**

Parece que as diferenças agora, mais do que percebidas, são suportadas e até “bem vindas!”. Mas tem que lidar com a realidade, com as frustrações e com o limite da sua humanidade.

Sessão próxima à partida.

R: *Tá difícil!...Tenho uma coisa para te falar...não sei se consigo* (silêncio) *Quero contar tudo de uma vez, sem ser interrompido...pode ser?* (Respira fundo) *É mais difícil do que parece....*Fecha os olhos, cruza os braços...descruza...bate no peito. *Ái!...não sai!...*(Eu parafraseio, acentuando o ai) *Tem que sair!...*(respira fundo e diz: *Então...fazia um tempo que eu percebia que o meu chefe estava “ciscando” para o meu lado! Conversamos pelo facebook e ele me disse que tinha medo de ficar sozinho comigo. Eu disse para ele: Você tem medo de mim ou de você? Ele me disse: De mim!*

No dia seguinte ele passou em casa eu disse para ele me deixar em paz. Hoje fomos juntos, sozinhos fazer um orçamento para um projeto de arquitetura. A casa estava vazia. Ele me puxou para dentro e transamos.

Ao mesmo tempo que eu não queria, estava com vontade...disse para ele, que só ficaria com ele, se ele não me procurasse nunca mais...(silêncio). *Não me senti bem depois...Ele é casado ...tem uma filha. Me senti como a Mara...”sujo e traidor”, como ela.*

E.: Parece que você se colocou no lugar da filha dele...da criança enganada...traída!

R.: *A mulher dele trabalha com a gente ...por isso fiquei mal!*

Fala da sua ambivalência e da sua preferência pelas mulheres. Confessa que tem medo delas e das vezes que se odiou porque perdeu a ereção na hora de transar (silêncio)

Pensando na foto dele nu no colo do pai digo-lhe: Parece que você sente prazer em deitar no colo de qualquer um!...Para ficar aconchegado como um bebê que está se tornando gente ...que ainda não sabe se vai ser homem ou mulher.

Ele fica longo tempo em silêncio. Percebo que o nosso tempo está acabando e ele continua mal, *Eu não sou nada mesmo!...É assim que eu me sinto...um merda!*

Na verdade, a aquisição pelo sujeito de sua identidade sexual depende de duas condições. Uma condição necessária, isto é, que tenha para contê-la uma pele dele, dentro da qual ele se sente precisamente sujeito. Uma condição suficiente, isto é, que faça em relação com as fantasias perversas polimorfos e edipianas, a experiência sobre esta pele, de zonas erógenas e de fruições que podem aí ser experimentadas. (Anzieu, D. 1989. p.256.)

(Recordo-me da poesia que escrevi, dizendo que estamos juntos e estamos tentando ver quem ele é).

Leio a poesia para ele. Estamos no final dessa seção de sexta-feira. O sol se pôs, a sala escureceu e ele se foi.

Na segunda-feira de manhã, o sol apareceu e ele surgiu mais animado, falando da nova forma de se relacionar com a sua família ...principalmente com seu pai. Diz que ficou surpreso de eu ter escrito algo para ele...*Pensava que você nem se lembrava de mim, quando ia embora!*

Pede para eu ler a poesia novamente, como uma criança que pede para a mãe contar novamente a mesma estória, que ela protagoniza .

Escuta com atenção e se detém na segunda estrofe. Faz associações em torno da “mãe esburacada, vazada..incerta...”. Lembra-se da mãe que, certa vez, lhe trouxe um ursinho de pelúcia, depois de estar “desaparecida” por vários dias. Conta-me que a chamou de “burra”, porque ela não sabia fazer (consertar) o ninho do passarinho. Que chorou por causa do “buraco” que ficou na sua bunda, devido às injeções de Benzetacil que ela o obrigava a tomar na infância. Lembra-se também de que ela lhe “tirava os piolhos” da cabeça e lhe dava uma toalha quando seu nariz sangrava!...

Vou-me surpreendendo, pois nunca o havia ouvido falar tanto da sua mãe biológica.

R.: ***Você sabe o que significa Mara? Diz a bíblia que, Noemi muda o seu nome para Mara, quando os filhos dela e o marido morrem!***

Eu lhe digo que Noemi ficou amarga, porque Mara, significa amarga.

R.: ***O nome da minha mãe***, (é a primeira vez que diz minha mãe, referindo-se a ela) ***é Mara Lúcia...***

E.: Luz-amarga...então sua mãe era como uma luz frouxa, que ia escurecendo...e ficou na sua lembrança como a Má-ra...a mãe má...amarga.

R.: ***Podia ter sido só Ma...de mãe*** (parece triste) Fala em seguida da madrasta, dizendo que ***Telma significa “a que cuida”***.

E.: Teo-ma pode ser também, mãe de Deus...a grande mãe, que você encontrou...

(Penso, no meu nome cujo significado é aparentado de Hélio= sol, que ilumina...que dá a luz).

Termina esta sessão, manifestando a sua preocupação com o tempo que vai encurtando o nosso contato, devido à sua viagem! Digo-lhe que não há pressa...que ele pode ir e voltar, que estarei aguardando-o. Ele parece estranhar essa idéia, como se ela nunca lhe tivesse ocorrido.

As associações dele em torno da poesia que escrevi para ele, incluindo os significados simbólicos que ele trouxe, me apontaram um caminho que, talvez, ele começara a trilhar: “viver a experiência com uma mulher (analista que sabe tecer o ninho) e tem portanto lugar para chocar o ovo, até ele voltar. (mãe que dá a luz). Agora ele tem um registro concreto, que ele existe dentro de mim, pois produzi algo para ele (Ele sabe que foi a “musa inspiradora” da minha poesia!)

Penso que o meu enfoque descentralizando a sua atuação sexual (sentida por ele como perversa) e focando mais a sua necessidade de ficar “colado” em alguém, (não importando se homem ou mulher), para se sentir um bebê querido ...para se constituir como um “ser humano”, o tranquilizaram. Acho que tecemos o ninho juntos, nessa sessão e por isso pude me incluir no seu simbólico materno (Elenice = luminosa) embora não o mencionasse para ele.

A despedida

Na última sessão, ele me traz um *cheesecake*; diz que é sua especialidade e que o fez só para mim! Recebo o presente e percebo que o doce está contido em uma cumbuca refrataria, semelhante a um cestinho oval. Me vem à cabeça então, a imagem do “cesto de pão”, comprado na padaria, que foi acolchoado e enfeitado para acomodar o meu primeiro bebê, quando nasceu! (Era assim que se usava naquela época).

Agradei o seu presente, dizendo-lhe que devolveria a cumbuca no dia seguinte, ao que ele retrucou: “Não precisa... guarde-a para você se lembrar de mim!” Digo-lhe que vou guarda-la e cuidar para que o “bercinho” fique aquecido até ele voltar!

Ele se foi, e nunca mais voltou!... Fiquei com a esperança de que essa vivência analítica por nós compartilhada, nesse período de nossas vidas, tenha semeado germes de confiabilidade, fundamentais para a sedimentação de processos reparatórios de integração, tão importantes na construção de uma identidade pessoal.

Para terminar cito Anzieu mais uma vez,

A palavra do outro, se oportuna, viva e verdadeira, permite ao destinatário reconstituir seu envelope psíquico continente, e ela o faz na medida em que as palavras ouvidas teçam uma pele simbólica que seja um equivalente, no plano fonológico e no plano semântico, dos ecotactilismos originários entre o bebê e seu meio materno familiar. Isto assim funciona na amizade, na cura psicanalítica, na leitura literária. (Anzieu, D. 1989. p.270.)

Elenice Maria Zecchin Pereira Giannoni
Campinas, novembro, 2015

Bibliografia

ANZIEU, Didier. **O Eu-pele**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1989.

BARROS FRANÇA, M.T. HAUDENSCHILD, T, **Constituição da vida psíquica**. São Paulo: Hiron-del Editora, 2009.

BLÉANDONU, Gérard. **Wilfred R. Bion: a vida e a obra, 1897-1979**. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1993.

HAHN Alberto. **Sinceridad y otros trabajos, obras escogidas de Donald Melzer, Editado por Alberto Hahn** Buenos Aires, Editora Spatia 1997.

MELTZER, Donald (Coaut. de). **Exploracion del autismo: un estudio psicoanalítico**. Buenos Aires: Paidós, 1979.

FREUD, Sigmund. **Das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. XIV**. Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda, 1974.

_____ **Das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. XIX**. Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda, 1974.

MARIA OLYMPIA de A.F. **Bion em São Paulo, Ressonâncias, SBPSP**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1997.

PESSOA, Fernando. **Odes de Ricardo Reis: obra poética III**. Porto Alegre: L&PM, 2007.

LE POULICHET, Sylvie. **Sublimación y Narcisismo. El arte de vivir en peligro**. Buenos Aires: Ed. Nueva Visión, 1998.